



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Comunidade Visível: Práticas de Imagem e works da Memória no Poço da Draga [Fortaleza, Ceará, Brasil]

Autoria: Felipe Camilo Mesquita Kardoza (UFC - Universidade Federal do Ceará), Prof^a. Dr^a. Glória Maria dos Santos Diógenes (Orientadora) - UFC/PPGS

Como um narrador mobiliza seu dispositivo celular, suas redes digitais e seu acervo pessoal de fotos e filmes na configuração de uma constelação de imagens que lhes servirão de evidências, testemunhas, actantes, ferramentas de suas memórias na execução de narrativas sobre si, sobre seus espaços e sobre sua comunidade? Entendendo o fazer antropológico como filosofia com gente dentro (INGOLD, 1992), penso tais questões com moradores do Poço da Draga (Fortaleza, Ceará) - com seus jovens documentaristas e com os velhos contadores das histórias da comunidade, memorialistas de esquina como os chamo, ou ainda trabalhadores da memória. Mais interessado no que fazem com as imagens que já possuem do que em como as produzem, cunhei como ferramenta a noção de prática de imagem à partir de CERTEAU (2009) colocando-a entre os ?works? da memória, como BOSI (1994) trata determinados esforços recordatórios. Vendo fotos e filmes junto de seus autores e vizinhos, minha trajetória no Poço toma emprestada um pouco da prática fotobiográfica de Fabiana Bruno (2010) e esboça traços de uma cartografia. Com isso, problematizo imagens e narrativas produzidas, arquivadas e compartilhadas por uma rede de relações de moradores de uma comunidade centenária na beira da orla turística de uma grande capital.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: